



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JANIKLÊNIA HENRIQUE MEIRELES

**INDISCIPLINA ESCOLAR:
ÊNFASE NA ESCOLA PÚBLICA**

CAJAZEIRAS - PB

2009

JANIKLÊNIA HENRIQUE MEIRELES

**INDISCIPLINA ESCOLAR:
ÊNFASE NA ESCOLA PÚBLICA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr^a Risomar Alves dos Santos.

CAJAZEIRAS - PB

2009



M514i Meireles, Janiklênia Henrique.
Indisciplina escolar: ênfase na escola pública /
Janiklênia Henrique Meireles. - Cajazeiras, 2009.
46f.

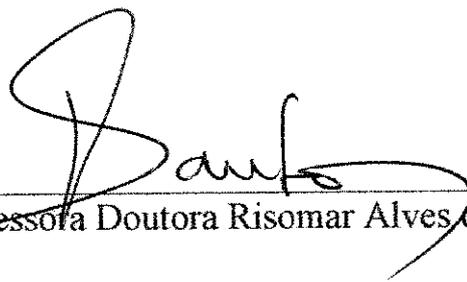
Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Indisciplina escolar. 2. Respeito na escola. 3. Ética
escolar. I. Universidade Federal de Campina Grande. II.
Centro de Formação de Professores. III. Título

CDU 37.091.5

INDISCIPLINA ESCOLAR: ênfase na escola pública

Monografia aprovada em 27, 02 de 2009



Orientadora – Professora Doutora Risomar Alves dos Santos

CAJAZEIRAS/PB

2009

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.

FREIRE, 1996.

DEDICATÓRIA

Dedico esta conquista aos meus pais Gelcio Henrique de Sousa e Maria socorro Meireles de Sousa que sempre acreditaram em mim e na minha capacidade, me ajudando a superar os obstáculos e me apoiando incondicionalmente em todos os momentos.

A todas aquelas pessoas que estiveram presentes em minha vida, principalmente a minha família que me fizeram enxergar mais longe, me incentivando e me dando forças para continuar.

AGRADECIMENTOS:

Quero agradecer a Deus primeiramente por sempre ter me dado a força da qual precisei para seguir em frente e jamais desistir.

Aos meus pais que são parte fundamental na minha formação e a quem devo maior parte dessa conquista.

À Profª. Dr. Risomar Alves dos Santos, minha orientadora que soube exigir de mim o esforço necessário para que esse trabalho pudesse ser realizado e que me ajudou juntamente com todos os educadores que fizeram parte da minha formação docente a me superar a cada dia e a acreditar na educação.

A todos que diretamente e indiretamente contribuíram para minha formação, meus familiares, amigos, professores e colegas de classe.

A todos que fazem parte da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Cecília Estolano Meireles que foram de muitíssima importância para realização desse trabalho de pesquisa e que me forneceram toda a base para que eu pudesse concluir esse trabalho com sucesso.

SUMÁRIO

Resumo -----	8
Introdução -----	9
1 – Referencial Teórico -----	12
2 – Procedimentos Metodológicos -----	16
3 – Análise dos dados -----	18
3.1 – O que pensa a professora -----	18
3.2 – O que pensam os alunos -----	55
3.3 – Análise do Estágio -----	26
Referências Bibliográficas -----	38
Anexo -----	41

RESUMO

Esta pesquisa intitulada *INDISCIPLINA ESCOLAR: ênfase na escola pública* é uma das exigências do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande. Os dados foram coletados na E. M. E. I. F. Cecília Estolano Meireles, localizada na cidade de Cajazeiras – PB e tem como objetivo compreender os motivos pelos quais os alunos manifestam indisciplina. Este trabalho trata do problema da indisciplina na contemporaneidade onde procuramos apresentar medidas que auxiliem na diminuição desse problema. O motivo que nos levou a realizar essa pesquisa partiu do medo que muitos professores tem de enfrentar uma sala de aula antes mesmo de ter sua primeira experiência, ou seja, ainda em seu processo de formação. Sendo assim, procuramos investigar o que os alunos entendem por indisciplina e os motivos pelos quais a manifestam, para que, com base nesses dados, pudéssemos alcançar meios de viabilizar uma diminuição dessa ação. O instrumento de coleta de dados utilizado na pesquisa foi o questionário. Diante do exposto, procuramos desmistificar o clima de terror que faz parte do cotidiano de muitas salas de aulas e apontar caminhos que possam nortear uma relação pautada na ética e no respeito entre educadores e educandos, para que dessa forma, o objetivo maior da educação seja contemplado, a formação do cidadão autônomo crítico, e consciente.

Palavras chave: Indisciplina, ética, respeito, educação.

INTRODUÇÃO

Tem-se percebido cada vez mais dentro das escolas o crescimento de sentimentos como angústia, desestímulo, desistência, incompreensão e vários outros fatores que são ou não ocasionados pela indisciplina, ou são capazes de provocá-la. Como nos afirma Gaspar: “ocorrências diárias, dentro e fora das salas de aula refletem-se na família e em outras instituições da sociedade”. (2005, p. 1). Desse modo, encontramos hoje, diante de uma situação problema, que chamamos de indisciplina escolar e que tem se agravado cada vez mais com o decorrer dos anos.

Nesse mundo pós-moderno, onde as pessoas estão o tempo todo competindo, cada vez menos refletindo sobre suas práticas, também se vêem obrigadas a burlar normas ou a não se preocuparem com interesses de seu próximo, tendo em vista seus próprios interesses para alcançar seus objetivos. Sendo assim, essas pessoas adotam comportamentos não aceitos de forma correta pela sociedade.

Trazendo o problema da indisciplina para o nosso foco de interesse que é a escola e mais precisamente a sala de aula, podemos perceber a necessidade de uma ação objetiva e concreta com relação a mesma. Em outras palavras, surge a necessidade de encontrar medidas práticas que nos auxiliem a encontrar soluções que ao menos diminuam a indisciplina. Sendo assim se justifica a busca para minimizar uma visão hostil direcionada à escola, principalmente nas instituições da rede pública de ensino, que é o nosso foco de interesse.

O fato de a rede pública de ensino atender a um público alvo menos favorecido, cheio de problemas de ordem social como drogas, desemprego, violência, abandono, entre outros, tornou essa instituição mais propícia para trabalhar com o tema escolhido. Sabemos que a indisciplina é uma constante preocupação daqueles que trabalham na área educacional e é evidente também que a escola não consegue diagnosticar com êxito essas causas disciplinares e os motivos pelos quais os alunos a manifestam. Portanto, de acordo com o que foi dito acima, Estevan (s/d, p. 1) nos explica que essas manifestações “nada mais são do que exteriorização da esperança de reencontrar algo que um dia lhe foi ‘roubado’: a sua individualização enquanto ser em desenvolvimento”.

Brandão (2002) nos ajuda a entender melhor que nossa educação não prioriza ou não valoriza as necessidades individuais de nossos educandos. O currículo educacional brasileiro, não se preocupa com as demandas regionais do nosso país e nossos alunos são *obrigados* a mastigar conhecimentos que muitas vezes não os atraem, ou ainda, não fazem nenhum sentido para suas vidas, refletindo isso no seu desempenho e no seu comportamento na escola e na sociedade. Podemos enxergar que isto se dá dessa forma ao concordar com esse autor (Idem, 2002, p. 90), quando afirma:

...os processos vividos e os conteúdos ensinados na educação escolar são igualmente 'enxugados', para que tudo o que se aprende responda a necessidades situadas cada vez mais fora dos desejos mais profundos, da vocação mais humana e do alcance infinito do saber – e – aprender da pessoa que somos quando aprendemos e quando ensinamos.

Contudo, não podemos também atribuir apenas ao currículo à responsabilidade e/ou o peso desse problema, pois, a escola, apesar de suas deficiências, possibilita ao cidadão o acesso aos seus direitos, mesmo que de forma não satisfatória, contribui na sua formação, ajudando-o a enfrentar e lidar com esse mundo tão globalizado, cheio de diferenças e exigências. Dessa forma, nossos maiores problemas com relação a indisciplina também não se encontram somente nos alunos, assim como não estão apenas no currículo.

Muitos e muitos podem ser os fatores que contribuem com problemas decorrentes da indisciplina na escola. Como disse anteriormente, não apenas o currículo ou os métodos dos professores são causadores da indisciplina, também a forma como a escola atua com seus alunos, além de interferências familiares, sociais, emocionais, psicológicas, cognitivas, etc. Desse modo, é importante que o profissional da educação inserido nesse contexto, seja qualificado para lidar com tais questões e saiba fazer diagnósticos específicos para cada caso, pois, sendo ele uma pessoa próxima da turma e esclarecida das causas que podem levar os alunos a tais comportamentos, poderá tomar as providências cabíveis e necessárias para amenizar o clima que a indisciplina pode gerar.

Para Áurea Lopes (2005, p. 1): "[...] as medidas capazes de fazerem os alunos mudarem o modo de agir e de pensar tem outra natureza: a participação da comunidade escolar". Para contribuir com este entendimento, Nunes e Santos (2006, p. 21), nos dizem: "Para que essa educação represente mudança deve-se cultivar, sobretudo entre os professores uma postura de interesse pelas metas, realizações e problemas dos estudantes".

Ou seja, o professor comprometido e engajado com seu trabalho, preocupado com o bem-estar de seus educandos, possui muito mais chances de manter uma relação de cordialidade entre alunos e alunos e entre alunos e professor. Nessa perspectiva deparamo-nos diante da necessidade de procurar meios que viabilizem encontrar soluções para que essa indisciplina que tanto prejudica nossa educação seja amenizada.

Diante dessas questões, faz-se necessário este trabalho para que além dos problemas identificados na E. M. E. I. F. Cecília Estolano Meireles, que atende a alunos carentes e, por conseguinte, dotados de vários problemas sociais citados anteriormente, característicos da classe majoritária que é a classe baixa, porém, não exclusivos dessa classe, possa encontrar meios de pelo menos amenizar parte dos problemas causados pela indisciplina escolar, pois de acordo com Aquino (s/d, p. 16): “Indisciplina é um evento escolar que estaria sinalizando, a quem interessa, que algo, do ponto de vista pedagógico, e mais especificamente da sala de aula, não está se desdobrando de acordo com as expectativas dos indivíduos”.

Portanto, esse trabalho de pesquisa visa uma parceria entre alunos e professores, juntamente com os demais membros da equipe escolar, mas, especificamente, dos primeiros, no intuito de criar laços de confiança, amizade, competência e conhecimento, possibilitado por uma relação estável entre os mesmos, considerando a participação ativa dos alunos frente às decisões tomadas na sala de aula e na escola que são de interesse de todos.

Por essa razão, minha pergunta de pesquisa é: Qual a causa da indisciplina escolar na concepção dos alunos?

Para responder a essa pergunta formulamos os seguintes objetivos:

- Compreender os motivos pelos quais os alunos manifestam indisciplina;
- Analisar como se sentem no papel de aluno rebelde e indisciplinado.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Para melhor compreendermos o tema de nossa pesquisa, é importante analisarmos e compararmos a opinião de alguns pesquisadores que se atêm sobre a questão da indisciplina escolar e nos auxiliam na busca de respostas para nossas dúvidas e problemas acerca deste assunto. Sendo assim, partimos do pressuposto que essa problemática não interessa a apenas alguns educadores, mas sim a todos aqueles que vivem o dia-a-dia das escolas brasileiras e por consequência, deparam-se com a indisciplina nessas escolas. Relacionado a esse assunto, Aquino (s/d, p.1) afirma:

Qualquer pessoa ligada às práticas escolares contemporâneas, seja como educador, seja como educando, ou público mais geral (pais, comunidade etc.), consegue ter uma razoável clareza quanto àquilo que costumamos conhecer como crise da educação.

Com isso, Aquino nos deixa claro que no contexto atual, todos nós, independentemente da condição que estamos inseridos temos pelo menos uma breve consciência da situação em que se encontra a educação no nosso país. Segundo o autor, sabemos que essa crise existe, porém, não sabemos a razão de sua existência, tornando-se assim, cada vez mais difícil de ser sanado o problema que dela decorre, ou seja, o fracasso escolar que pode surgir de vários outros fatores como a evasão escolar, por exemplo.

Sobre esse assunto, Oliveira (2005, p. 21) também ressalta: “Este problema apresenta-se em toda rede educacional e não é um caso restrito ao nosso país: é um problema universal”. Infelizmente, nós educadores não conseguimos compreender que ao manifestar indisciplina, os educandos estão a nos dizer algo que não é bem explicitado por eles, acabamos culpando-os e punindo-os por não serem entendidos e correspondidos em suas expectativas, afastando-os de nós educadores ou até mesmo da escola. O autor Pedro Silva em seu texto *(In) disciplina e relação professor-aluno*, escrito para o jornal UNESP em junho de 2006, afirma que as pessoas estão educando seus filhos segundo a “pedagogia da violência” em vez da do diálogo. (Silva, 2006). Com isso, podemos entender que toda essa dificuldade de nos relacionarmos bem uns com os outros está se dando pela presença do autoritarismo, do egoísmo, do pensar apenas em si próprio e é exatamente isto que estamos ensinando aos nossos filhos e alunos.

Dessa forma, podemos perceber que se agravam cada vez mais, os tipos de relações sociais dentro e fora do ambiente escolar, nas próprias famílias, trazendo o caos social vivido por nós no momento atual. Porém, Silva ainda nos diz que, apesar das diferenças existentes entre alunos e professores "... a indisciplina pode em parte, ser superada se alunos e professores se relacionarem". (2006, p. 1).

A relação professor-aluno, para ser bem sucedida, não pode se dar de qualquer forma. É preciso que ambos se respeitem e o educador tem que ser visto como autoridade, não como autoritário. Podemos perceber que todos os caminhos apontam para a construção de uma consciência ética, baseada no respeito ao próximo e com a preocupação do bem-estar geral. De acordo com a autora Cláudia França sobre "Indisciplina na sala de aula", "A indisciplina dos estudantes pode, posteriormente, ter conseqüências graves para a sociedade, entre elas, a violência, a criminalidade e até mesmo o envolvimento com drogas". (s/d, p. 1). Essa questão é a que mais preocupa os professores, os pais, enfim, todos aqueles que estão envolvidos com a educação de uma forma geral, pois, a conduta de um aluno influenciará não somente a sua vida pessoal e profissional, mas de todos aqueles com quem convive.

Para França, a indisciplina poderia ser percebida antes mesmo de se tornar um problema e ainda afirma "... ela pode ser um indício de alguma carência do aluno como, por exemplo, a falta de compreensão de conteúdo...". (Idem, p.1). Comumente, não nos perguntamos por que os alunos não agem de acordo com nossas expectativas, apenas queremos que eles sejam como robôs sincronizados que podemos apertar o botão "on - off" para atenderem aos nossos comandos.

Para a pedagoga Machado, estamos vivendo um novo contexto no que diz respeito à educação. Segundo essa autora (s/d, p.3):

... há um grande incentivo da família quanto aos estudos e ao mesmo tempo há um maior acesso a recursos que facilitam e promovem o processo de ensino e aprendizagem, com livros, computadores, internet, revistas, jornais, filmes ...

Há também uma maior participação dos pais nas escolas onde seus filhos estudam, porém, esses mesmos pais não se posicionam mais criticamente e efetivamente. (Machado, s/d,p.1).

O que podemos dizer a esse respeito é que, de forma bem clara e crescente os pais querem que seus filhos tirem boas notas e passem de ano, querem que a escola faça por seus filhos o que eles não tem mais tempo de fazer em virtude de suas vidas corridas e do trabalho, ou seja, a família está atribuindo a escola a total responsabilidade para com seus filhos e estão querendo ver os resultados quantitativos ao invés de qualitativos. O que se pode esperar de crianças e adolescentes educados nessa conjuntura?

Tiba (1996) concorda com Aquino quando afirma que o Brasil está em crise e principalmente na área da educação, prejudicando dessa forma, principalmente os alunos que são vítimas do comércio que virou a educação. Também o autor Mário Sérgio Vasconcelos (1997, p.4), afirma que muitos profissionais da educação acreditam que estamos vivendo um fenômeno de 'crise de moralidade' e acrescenta que esses mesmos profissionais "reforçam uma concepção de **escola instrucional**, muito distante de uma **escola formadora...**". (Grifo meu). Sendo assim, isso nos dá respaldo para afirmar que a formação hoje no nosso país é o que menos interessa, principalmente a formação ética do sujeito, pois, o que tem valor aos olhos do mercado é um pedaço de papel que diz ser o sujeito capaz e qualificado para exercer milhares de funções exigidas pelo mercado de trabalho. Tiba ainda afirma que: "Um país que não cuida da educação de seu povo está condenando o seu futuro" (1996, p.114). Diante dessa afirmação, podemos compreender o momento delicado o qual estamos passando. Tanta violência, criminalidade, corrupção e desumanização vividos por todos nós é consequência da qualidade e da formação educacional que nos é oferecida.

Essas questões que perpassam nossa educação não prejudicam somente os alunos como também, os professores. Segundo Celso Vasconcelos (1997, p. 230): "Temos uma clareza: ser 'dador' de aula, 'tomador de aula' de aluno é fácil, mas ser professor, no seu sentido radical não é fácil". Isso implica em falar na formação do professor. Enquanto educadores, não estamos sendo preparados para ensinar e para educar em sua plenitude, mas para ensinar e para ter uma profissão, um emprego. Para Oliveira (2005, p. 67):

Não existindo uma formação pedagógica orientada por princípios de prevenção da indisciplina, o 'mau' comportamento que algumas crianças apresentam no início da vida escolar pode se agravar, já que os professores não estão preparados para lidar com determinadas atitudes dos alunos e estarão desprovidos de habilidades para gerenciamento de sala de aula.

Dentro desse contexto pode surgir o embate entre autoridade e autoritarismo podendo gerar assim, segundo a autora, novos conflitos. Nessa perspectiva, Mário Sérgio Vasconcelos (s/d, p.1) afirma que:

Sem dúvida, as mudanças contemporâneas são motivos que fazem da ética tema de interesse para vários segmentos. A palavra ética está presente nos jornais, nos rádios, na TV, nas livrarias e adentrou também o contexto escolar por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). A ética tornou-se tema transversal indicado para compor a formação do aluno.

Analisando essa afirmação, podemos chegar à conclusão de que nosso maior problema está pautado na nossa concepção de mundo, de vida e de ser humano. A forma como nos relacionamos socialmente com as pessoas está intrinsecamente ligada a nossa consciência e aquilo que acreditamos estar certo ou não. Educar baseando-se em princípios éticos, talvez seja uma alternativa para melhorar essas relações sociais já castigadas por tantas diferenças e imparcialidades.

2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Primeiramente é importante explicitar o que é metodologia. Segundo Gonsalves (2003, p. 61): “o percurso metodológico se refere ao caminho trilhado para que você atinja os objetivos que definiu.” Ou seja, é uma tentativa, uma busca que se realiza para melhor compreender uma certa realidade social ao qual um determinado grupo de pessoas estão inseridos.

Para que se possa realizar a pesquisa, é necessário definir os processos metodológicos adequados para o tipo de pesquisa escolhida. Desta forma, faz-se necessário elencarmos aqui quais os tipos de procedimentos utilizados em uma pesquisa de cunho exploratório e investigativo, pois, essa mesma pesquisa irá se ater em buscar compreender as causas do nosso problema. Será também quantitativa já que se pautará em questionar uma quantidade de vinte e duas pessoas envolvidas na pesquisa e ainda será qualitativa, pois de acordo com Gonsalves (2003), esse tipo de pesquisa se preocupa em compreender e interpretar o fenômeno, levando em conta o significado, que os outros passam dar as suas práticas.

Esta pesquisa será desenvolvida na E. M. E. I. F. Cecília Estolano Meireles, que atende os níveis Infantil e Fundamental. A escola fica situada na Rua Raimundo Leite Rolim, no Bairro Casas Populares da cidade de Cajazeiras - PB. A mesma foi construída durante o governo João Agripino Filho, entre os anos de 1962 e 1970, e ganhou o nome de Escola de 1º Grau Arsênio Rolim Araruna, vindo anos mais tarde receber o nome atual.

A escola possui atualmente 09 salas de aula, 01 diretoria, 01 secretaria, 01 cozinha, 02 depósitos, 01 biblioteca, 01 almoxarifado, 02 banheiros, 04 caixas d'água e 01 laboratório de informática. Quanto aos recursos materiais existem 20 computadores, 01 aparelho de som, 01 retroprojetor, 01 televisão, e 01 aparelho de DVD. Ela atende a alunos do bairro Casas Populares e adjacências, funciona três turnos manhã, tarde e noite.

A escola é freqüentada por aproximadamente 685 alunos, possui 31 funcionários e 23 professores, todos com nível superior e especialização que atendem as especificidades e/ou requisitos de cada cargo ocupado, ou seja, são licenciados nas áreas de Pedagogia, Letras, História, Geografia e Ciências, todos sendo efetivos do município.

A instituição também é beneficiada pelos programas Bolsa Família e PAIF (Programa de Atenção Integral à Família), além de contar com a parceria de médicos do município, PSF (Programa de Saúde da Família) e Igreja São José. O público que a escola atende são, em sua grande maioria, alunos carentes, que vivem em bairros do subúrbio e afetados por vários problemas de ordem social. Sendo assim, a pesquisa buscará compreender as causas da indisciplina escolar na concepção dos alunos, os quais foram nosso público alvo.

Como instrumento de coleta de dados foram utilizados questionários, destinados a uma sala de 4º ano do Ensino Fundamental com um total de vinte e dois alunos e a respectiva professora desta sala. O questionário é uma técnica de investigação onde segundo Matos (2002, p. 60): “... consiste em que, sem a presença do pesquisador, o investigado responda por escrito a um formulário (com questões) entregue pessoalmente, ou enviando pelo correio”. Esse questionário também pode conter questões tanto abertas quanto fechadas, porém, é imprescindível que essas questões estejam objetivas e claras para o investigado. (MATOS, 2002).

Desta forma, o questionário que aplicamos, conteve tanto questões abertas quanto fechadas, que nos auxiliaram a compreender nossa problemática sobre a indisciplina e nos ajudou a encontrar melhores alternativas para que pudéssemos alcançar nossos objetivos. A análise dos questionários foi feita seguindo uma lógica seqüencial de perguntas e respostas, obtidas a partir da categorização de dados e embasada teoricamente pelos autores que contemplam nossas referências bibliográficas. Nessa análise, tentamos nos prender ao máximo no que os alunos pensam e conhecem sobre indisciplina, relacionando essas concepções com o que os autores, com os quais trabalhamos dizem sobre o assunto.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Nesse capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa realizada na E.M.E.I e F. Cecilia Estolano Meireles, com vinte e quatro alunos na faixa etária de oito a treze anos, sendo quatorze mulheres e oito homens e a professora do 4º ano do Ensino Fundamental.

3.1. O que pensa a professora

Na primeira questão direcionada a professora, perguntamos o que entendia por indisciplina. A resposta obtida foi de que indisciplina é um “comportamento não adequado às normas ou regras exigidas pela sociedade”. Diante do exposto podemos fazer uma analogia com a fala de Oliveira (2005, p. 28) quando diz: “... a indisciplina esta nitidamente ligada à disciplina, enquanto esta é entendida, pelo senso comum, como a manutenção da ordem e obediência às normas; a primeira significa a sua negação, ou seja, a quebra da ordem”.

Podemos inferir que a indisciplina pode sim, ser considerada como um comportamento não adequado como a professora e a autora colocaram, porém os fatores que levam o aluno a manter esse tipo de comportamento, pode ter sua raiz diretamente ligada a escola, ao professor, a outros espaços como na família, na comunidade ou ao modo como essas instituições o tratam.

A segunda questão, diz respeito à concepção da professora quanto ao principal motivo causador da indisciplina. Como resposta, a professora nos disse que na sua concepção o principal motivo seria:

“Mudanças de atitude na família – hoje a criança ao invés de liberdade tem a libertinagem, não há o devido respeito pelo outro, quer seja pessoas mais velhas ou não. A revolução técnico científica informacional, também contribui até certo ponto, para a indisciplina. Ex: Uso de celulares, MP3 (som) nasala de aula, abuso do uso da internet. Jamais sou contra a tecnologia de ponta, sou contra ao lado negativo usado pelas pessoas.”

Diante dessa perspectiva Silva (2006, p. 1), nos diz que:

Há consenso que hoje o mundo vive em crise moral e ética, ao ponto de as pessoas se mostrarem indiferentes, indecisas ou perdidas quando pensam sobre o amanhã que sonham para si e seus próximos. Decorrência: vêm-se incapazes de ensinar aos seus filhos como viver ou os educam segundo a pedagogia da violência em vez da

do diálogo; levam-nos a ver o presente como um fim em si e a priorizar certos tipos de glória como prestígio social.

Sendo assim, é nítido o agravamento dos problemas decorrentes dessa crise moral e ética como nos diz o autor, pois, nesse mundo cada vez mais globalizado e individualista, as pessoas tendem mais a priorizarem suas necessidades e seus próprios interesses sem a preocupação em respeitar o direito do outro. Isso, conseqüentemente, reflete na educação de seus filhos, que não aprendem a respeitar as diferenças, nem as minorias e nem mesmo a própria família ou seus colegas, professores etc.

Vasconcellos (1997, p. 228) corrobora conosco ao citar depoimentos de alguns professores sobre suas angústias e queixas quanto ao momento atual da educação:

A falta de interesse está muito grande. Os alunos estão dispersos, não respeitam mais o professor, estão vivendo em outro mundo. A tecnologia avançou demais e o professor infelizmente não acompanhou, ficou desinteressante para eles. Eles são acostumados a apertar o botão de videogame, de computador, a ver televisão e aí aparece o professor com apagador e giz... O professor não está conseguindo ter domínio, as aulas estão muito no passado, muito antigas. Os meios de comunicação ao invés de ajudar estão atrapalhando, programas muito violentos. Não está existindo liberdade com responsabilidade...

Com base nesse depoimento, podemos sintetizar os sentimentos e perspectivas da maioria dos professores do nosso país uma vez que esse é um quadro que afeta a educação como um todo. É necessário que ocorra mudanças na conjuntura social de uma forma mais ampla para que assim essa mudança possa vir a surtir efeito dentro das escolas, caso contrário, essas situações que estamos vendo tendem a piorar cada vez mais com o passar do tempo.

Quando perguntada como costumava se posicionar diante da indisciplina, a professora não deu resposta. Diante desse silêncio, concluímos que ela procurou demonstrar o que a maiorias dos colegas sofrem com a indisciplina, sentem-se perdidos com a situação. Muitos professores têm que trabalhar mais do que deveriam, sem poder se preparar adequadamente para dar uma aula interessante, o que poderia diminuir muitas das ocorrências de indisciplina, mas se vêem no meio de um fogo cruzado, em que de um lado está a responsabilidade de oferecer aos alunos o que realmente querem e precisam, de outro lado, está a necessidade de trabalhar em mais um horário para poder sobreviver com dignidade. Diante disso, Tiba (1996, p. 112) afirma que: "Os professores tem de ser verdadeiros artistas atualmente para competirem com outras atividades muito mais interessantes do que assistir às aulas".

Já na questão número quatro, procurou-se saber da professora como seus alunos manifestavam indisciplina em suas aulas. A professora respondeu: “Desobedecendo ao professor no decorrer das aulas, conversando, discutindo com os colegas, uso de linguagem indecente (palavrões) na sala de aula”. Talvez esse seja um dos maiores problemas que os educadores encontram ao se depararem com a realidade de uma sala de aula. O desrespeito com que os educandos tratam seus educadores e também seus colegas é motivo de preocupação e de frustração para muitos profissionais. Tanto que, a maioria vive se perguntando o que fazer para minimizar esse problema.

Realmente essa é uma pergunta de difícil resposta, porém, essa resposta precisa ser encontrada. E foi essa preocupação que me instigou a desenvolver este trabalho e a optar por esse tema. Porém, Freire (1996, p. 79), nos dá uma esperança ao nos dizer que: “A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo o nosso sonho”. Ou seja, não existem fórmulas prontas que podem ser vendidas nas prateleiras das livrarias dizendo como nós professores podemos e devemos lidar com a indisciplina. Somos nós, no dia-a-dia, construindo e conquistando o nosso espaço com os educandos, que poderemos, de acordo com a nossa clientela, encontrar alternativas para mudar essa difícil realidade que afeta não apenas nós profissionais da educação, mas implica também no comprometimento da aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos.

A questão número cinco perguntou se a educadora acreditava haver solução para o problema da indisciplina? Sua resposta foi “Sim, mas só o professor não resolve esse problema. Todo o conjunto de pessoas que trabalha na comunidade escolar deve dar sua parcela de contribuição”. A resposta da professora é totalmente plausível no sentido de que a escola, ou o professor sozinho, não consegue educar uma criança em todos os seus aspectos. É dever sim de a escola educar e formar o cidadão crítico e consciente, porém é necessário que a comunidade escolar se esforce no sentido de fazer com que o educando perceba que seu futuro depende da educação, que a escola, a família e a comunidade devem ajudá-lo a adquirir e ele deve aproveitar ao máximo essa educação, para contribuir com o desenvolvimento da sociedade em que vive.

Oliveira (2005, p.102) reforça essa fala ao trazer depoimentos entrevistados em uma de suas pesquisas:

...muitos professores afirmam, também, que o que dificulta bastante o trabalho da escola é o fato de que, no ambiente familiar, os pais (ou responsáveis) agem diferentemente da escola: não orientam seus filhos sobre as atitudes básicas que estes deveriam seguir na escola, ou seja, não há diálogo, nem esclarecimentos de regras e limites para as crianças. Muitas vezes a estratégia utilizada pelos pais para disciplinar seus filhos acaba sendo alguma forma de punição, até mesmo o castigo físico. Para evitar essa dicotomia entre a ação da escola e a atitude dos pais, seria preciso que houvesse uma coerência entre a orientação dada pela escola e aquela oferecida pela família.

3.2. O que pensam os alunos

Quando questionados sobre a sua participação nas aulas, as respostas variavam entre: “Gosto de participar” (Aluno A), “É bom” e “Sou inteligente”, (Aluno F), “Quero aprender” (Aluno I), ou seja, as respostas dos alunos para esta questão se resumiram basicamente em achar importante participar, como também ao fato de gostarem da escola. Desta forma, podemos analisar essa questão do ponto de vista de Brandão (2002, p. 185), quando afirma: “A educação é e seguirá sendo um tipo de atividade cultural de um reconhecido valor, algo indispensável mesmo na aurora destes ‘novos tempos’”.

Ou seja, Brandão (2002) nos ajuda a compreender que a educação, mesmo com essa nova configuração a qual está submetidas e com todas as dificuldades impostas a escola, aos educadores e aos alunos, ainda é e sempre será algo imprescindível para a vida de todo e qualquer ser humano. Do ponto de vista dos alunos, podemos perceber que expressam essa importância que a educação tem em suas vidas e para seu futuro através de suas respostas.

A segunda questão procurou saber se eles se relacionavam bem com seus colegas. Dos vinte e dois alunos, vinte e um responderam que sim e os alunos A e R atribuíram a esse bom relacionamento o fato de os amigos gostarem deles. Os alunos C, F, G, L e Q disseram que é bom e o restante dos alunos deram respostas que seguem essa linha, como o fato de ter alguém com quem brincar etc. já o aluno S foi o único que respondeu que não se relaciona com os colegas e atribui a isso o fato de os colegas o apelidarem. Porém, mesmo diante dessa resposta não podemos concluir que o relacionamento do aluno S é totalmente contrário ao relacionamento que se espera de crianças que convivem juntas, pois, elas são capazes de superar diferenças e serem mais tolerantes do que nós adultos.

Sabemos pois, que todo relacionamento, quer seja entre adultos ou entre crianças, possui suas particularidades. Conseqüentemente, essas diferenças interferem no relacionamento com o próximo, mas isso não significa dizer que essas diferenças dêem o direito de agredir o outro, seja verbalmente ou fisicamente. Desta forma, Tiba (1996, p. 128) nos diz:

Crianças com dificuldade para superar ciúmes, rivalidades, competições, rejeições e agressões podem apresentar distúrbios comportamentais ao se relacionar com colegas. Cabe aos professores, com base em sua própria intuição, descobrir qual o melhor método para lidar com tais dificuldades, sem prejudicar a classe toda.

De acordo com essa perspectiva, podemos concluir que é normal que as crianças, até mesmo por não possuírem uma consciência ainda totalmente formada sobre si e sobre os outros, possam apresentar alguma dificuldade de se relacionar com os colegas. Mas, quando essa dificuldade começa a ferir a integridade física e moral do outro, cabe ao educador interferir, de maneira que o problema seja solucionado e as crianças possam se relacionar de forma mais harmoniosa e respeitosa entre si.

O terceiro questionamento visava saber dos alunos se eles faziam todas as tarefas que a professora passava para eles. Dos vinte e dois que responderam, vinte disseram que sim, que faziam todas as tarefas e o motivo pelo qual fazem é bem parecido com o motivo pelo qual disseram participar das aulas, ou seja, eles acham bom (Aluno B), acham importante para que possam aprender (Aluno S), além de ganhar boas notas (aluno R), ser alguém na vida e não ser reprovado (aluno Q). Os dois alunos que disseram não fazer as tarefas, “curiosamente” responderam que: (Aluno A): “Eu não tenho tempo” e (Aluno T): “Porque às vezes eu tenho preguiça”. Sendo assim, Tiba (2002, p. 91) contribui conosco diante dessa questão afirmando que:

No começo os pais devem monitorar seu filho para criar o costume dentro dele até que tenha condições de tomar a responsabilidade como sua. O ponto fundamental em relação à disciplina do estudo é garantir ao filho tempo e espaço, as condições favoráveis para fazer a digestão da informação recebida em aula. Mas ninguém poderá digerir a informação por ele.

Ao refletirmos com o autor essas questões, podemos concluir que as crianças não estão encontrando em casa a disciplina necessária, que seus pais deveriam ajudá-los a conquistar. Apesar da grande maioria dos alunos afirmar fazer todas as tarefas, as reclamações dos professores são freqüentes quanto ao não cumprimento das mesmas pelos educandos. Isso se

dá também pela falta de tempo dos pais que estão cada vez mais preocupados ou ocupados com o trabalho e não podem ou não conseguem dar assistência necessária aos seus filhos. Porém, Tiba (2002), ainda afirma que diante desse problema, é dever dos pais acompanharem seus filhos não somente quando estiverem sendo avaliados, mas, todos os dias.

Quanto ao fato dos alunos ficarem saindo ou não da sala enquanto a professora ensina dezessete alunos responderam que não saem da sala porque não gostam (Alunos A,D,F,V), porque acham errado(Alunos J e L), porque querem e gostam de aprender (Alunos M,O,P,R) e acham falta de educação ficarem saindo da sala (Alunos E e S). Os outros cinco alunos que responderam ficar saindo da sala enquanto a professora ensina, (alunos C, G, H, Q e T) disseram que o fazem porque é bom (Alunos C e T), porque vão beber água (Aluno Q) e por que sim (Alunos G e H). Porém, o que comumente percebemos é que mesmo obedecendo a professora ao não sair da sala de aula, esses mesmos alunos desobedecem no sentido de conversar paralelamente com outros colegas, brigas na sala, sair da carteira etc. Com relação a essa questão Lopes (2005,p.1) afirma: “O autoritarismo, os gritos e o bom e velho ‘já para a diretoria’ não funcionam mais. A melhor saída para manter a ordem é a negociação de objetivos e regras com os estudantes, que vão aos poucos aprendendo a ter disciplina”.

Ou seja, essas situações de indisciplina na escola e em salas de aula não são exclusividades da região nordeste do Brasil como um todo ou mais especificamente da rede pública de ensino (Oliveira, 2005). O que estamos vendo é que atitudes repressivas não estão nos levando a bons resultados, e o que temos que fazer é procurar entender a cabeça de nossos educandos e aprender junto com eles a encontrar melhores alternativas para tornar nossas aulas mais significativas, interessantes e proveitosas.

A quinta pergunta do nosso questionário queria saber se os alunos costumavam desobedecer a professora. Coincidência ou não, novamente dezessete alunos (B, D, E, F, I, J, L, M, N, O, P, R, S, T, U, V e X) responderam que não costumavam desobedecer a professora. Quatro dos alunos responderam que sim (C, G, H e Q), costumam desobedecer a professora e são os mesmos que afirmaram ficar saindo da sala enquanto a professora ensina. O outro aluno que também respondeu que sim (aluno A) do meu ponto de vista, não entendeu a pergunta, pois, o mesmo respondeu: “sim. Eu participo”. Os alunos que disseram não desobedecer explicam que não o fazem porque não gostam (Alunos B,F,P), por medo de castigo (Alunos J e O) e por que não podem (Alunos S e U). Já os alunos que disseram desobedecer, afirmaram que o

fazem porque a professora é muito besta (Aluno C), que dão trabalho para ela (Aluno Q) e porque ela é idiota (Aluno G).

Essa não é uma questão muito fácil de ser analisada, porém, há que se fazer algo, não somente por parte do professor, mas, também por parte de toda a comunidade escolar, incluindo claro, os pais dos alunos, pois algumas coisas devem ser aprendidas em casa como: “o seu direito termina onde começa o do outro”, e assim, os pais devem ensinar seus filhos a respeitarem o próximo e a exigir dele igual respeito. Somente através do respeito mútuo e da boa relação entre aluno e professor e aluno – aluno é que conseguiremos efetivar a disciplina tão almejada pelos educadores, pois de acordo com Silva (2006, p. 2): “Não se pode desprezar, todavia, a função que a relação professor – aluno pode desempenhar, auxiliando na diminuição da disciplina e na mudança da sociedade, por meio do cultivo de valores democráticos (respeito mútuo, justiça e diálogo)”.

Uma das perguntas mais interessantes do nosso questionário era o que eles mais gostavam de fazer na escola. Novamente, dos vinte e dois alunos questionados, seis (alunos A, B, C, G, H e J) gostam de desenhar (arte), quatro (alunos D, F, P e T) responderam que gostam de brincar, onze (alunos E, I, L, H, N, Q, R, S, U, V, X) gostam de atividades que possam levá-los ao aprendizado propriamente dito, ou seja, estudar e os outros alunos (Alunos M e O) gostam de atividades físicas.

Nessa perspectiva, podemos concluir que os alunos gostam da escola e também de estudar. O que parece não estar muito de acordo com esse gosto do educando é a forma como o ensino está chegando até ele. Métodos tradicionais nos dias atuais já não funcionam como antigamente e fica cada vez mais complicado transmitir aos nossos educandos os conhecimentos necessários para o seu desenvolvimento pessoal e social. Desta maneira, Silva Machado (s/d p.4) contribui conosco:

Sabemos que atualmente o papel do professor dentro da escola é muito mais abrangente, pois ele precisa estar atento às capacidades cognitivas, físicas, afetivas, éticas e para preparação do educando para o exercício de uma cidadania ativa e pensante.

Diante do exposto, o que podemos ver então é uma deficiência do nosso sistema educacional em se adaptar as novas formas de aprendizagem que nossos educandos querem e necessitam. Nos dias atuais, com tantas diferenças e desigualdades entre as pessoas, os educadores

precisam estar preparados para atender a essas novas demandas educacionais e satisfazer a vontade dos alunos de adquirirem conhecimento de acordo com essa nova realidade.

Com relação a pergunta o que era ser um aluno indisciplinado, para minha surpresa, nove alunos responderam que: "Um aluno indisciplinado é um aluno estudioso, educado e inteligente (Alunos G, H, L, O, P, S, T, U, V). Voltando para a questão número sete o restante da turma, ou seja, os outros doze alunos disseram que ser um aluno indisciplinado é ruim (Alunos B e C), é não gostar de fazer a tarefa (Alunos D e F), é ser desobediente e bagunceiro (Alunos J e M). Outros já responderam que é ser um aluno "educado" (Alunos E, H, L, e P); "Inteligente (Alunos O, S, U, V, e X). Já para a questão número oito, responderam que existem muitos alunos indisciplinados no mesmo nível que responderam a questão anterior. Ou seja, não há efetivamente por parte deles, uma consciência concernente à indisciplina. Mas há constantemente atitudes indisciplinadas que prejudicam não só a eles mesmos, mas também ao professor e a escola como um todo.

Fica claro assim, que quase metade da turma não tem a menor consciência do que é ser indisciplinado. No que diz a questão número oito que está intrinsecamente ligada a questão anterior, pelo menos sete dos dez alunos que responderam a questão positivamente, continuam com a mesma linha de raciocínio, ou seja, quando perguntados por que acham que existem tantos alunos indisciplinados, sete dos dez alunos que responderam continuaram dizendo que esses que obedecem a professora, são inteligentes, gostam de estudar e são espertos.

Dessa maneira é possível inferir que os alunos concordam que manter a disciplina na sala de aula é a melhor maneira para que possa efetivamente haver um aprendizado por parte deles, além de percebermos também que existe uma consciência de que a indisciplina prejudica não somente o professor, mas também a eles mesmos. Diante disso, podemos concluir que os alunos percebem que a indisciplina atrapalha o bom andamento da aula e de seu próprio aprendizado, porém não estão conseguindo encontrar um ambiente que lhe seja agradável e favorável para superar esse comportamento, ou seja, não estão conseguindo enxergar na escola o atrativo e o fascínio que eles encontram diante da TV, do Videogame, do Computador e até mesmo na rua.

3.3. ANÁLISE DO ESTÁGIO

O início desta análise se dá mediante ao meu contato com os alunos, professora e ambiente escolar, antes e durante o processo de estágio. Partindo da primeira experiência ou primeiro contato com a instituição escolhida a E. M. E. I. F. Cecília Estolano Meireles, que está situada na cidade de Cajazeiras, localizada próximo a Universidade Federal de Campina Grande / CFP, Casas Populares, sendo este um bairro carente na periferia da cidade.

Posso afirmar que meu tema atual, ou seja, INDISCIPLINA, não foi um tema que me veio à mente em primeiro lugar para ser trabalhado com aqueles alunos. Minha primeira opção era LEITURA visto que, em todas as escolas escutamos reclamações por parte dos professores com relação a esse tema. Porém após algumas visitas a escola e o contato com moradores do bairro (pais e alunos) e com professores, percebi que trabalhar com o tema INDISCIPLINA contribuiria de forma mais significativa para com aquela comunidade. Da minha visita à sala escolhida para aplicar o questionário, pude ver claramente a aflição da professora diante do comportamento de seus alunos, que em breve seriam *meus alunos*.

Ao tentar explicar o que estaria fazendo ali, quase não consegui por causa do barulho e das conversas dos alunos e a professora se esforçava em pedir para que eles fizessem silêncio e também para ajudar a me apresentar. Mesmo após dizer que eu era estudante de Pedagogia da UFCG e que estava ali para lhes pedir que respondessem a um questionário, sempre tinha aqueles que me perguntavam novamente quem eu era e o que estava fazendo ali. O que mais dava para notar naquele momento é que seria difícil me fazer ouvir *ali* e que a professora da turma tinha aquela mesma dificuldade, o que a deixava bastante estressada. Desse modo, Oliveira (2005, p. 17 e 18) colabora conosco dizendo: “Muitas vezes, a preocupação principal do professor que deveria ser o processo ensino - aprendizagem dar lugar para os problemas causados pela indisciplina”.

Diante disto, podemos entender as constantes reclamações dos professores quanto ao comportamento dos alunos tanto dentro, como fora da sala de aula e até mesmo da escola, atribuindo assim a esse comportamento considerado impróprio, a responsabilidade pelo fracasso escolar desses alunos. É comum escutarmos falas dos tipos:

— Esse menino não quer nada da vida, só vem para escola bagunçar. Por isso que não sabe de nada! Eu não sei mais o que fazer com esse aluno. Passa o tempo todo conversando e não presta atenção na aula! (Professora A).

E foi o que pude ouvir também da professora do 4º ano antes mesmo de iniciar meu estágio. Nesse mesmo dia em que fui aplicar o questionário, enquanto os alunos tentavam responderem as minhas perguntas em meio a muitas conversas é claro, a professora desabafava contando que não ia ficar se estressando por que os alunos não queriam nada, não queriam estudar, nem sequer faziam as tarefas de casa e, além disso, os pais não ajudavam. Contou também que os alunos eram muito violentos e batiam uns nos outros, disse ainda que o sexo estava muito presente na vida deles, pois, além de terem a televisão e a internet influenciando-os, também tem uma palhoça próxima à escola onde nos fins de semana muitos desses alunos freqüentam-na, entrando em contato com álcool e outras drogas, além das influências para a prática do sexo. A professora ainda afirmou que os alunos chegam na escola contando como foram suas experiências como, quem beijou quem, quem ficou com quem, quem *pegou* quem e outras.

Diante disso, Oliveira também nos ajuda a entender melhor esse assunto afirmando que: “As emissoras de TV, por meio de sua programação inescrupulosa, que tem o único objetivo aumentar seu ibope incentiva a rebeldia, o sexo e a violência”. (Idem, p. 52). Nessa perspectiva França (s/d, p. 1) nos diz que: “A indisciplina dos estudantes pode, posteriormente, ter conseqüências graves para a sociedade, entre elas, a violência, a criminalidade e até mesmo envolvimento com drogas”. Sendo assim, podemos constatar que a problemática da indisciplina perpassa pela família e pela sociedade antes mesmo de chegar à escola. Essas crianças e adolescentes não encontram limites em casa, chegando a freqüentar lugares impróprios para suas idades e se acham donos de si e de suas atitudes, atribuindo dessa forma o mesmo comportamento para com a escola, fazendo-nos muitas vezes “entrar em pânico” por não sabermos mais o que fazer para que esses estudantes adquiram uma consciência responsável sobre si mesmo.

A primeira aula do estágio aconteceu no dia sete de outubro, logo após o fervor das eleições municipais para prefeito. Esse assunto, aliás, estava muito presente na vida dos alunos graças ao que eles viam nas próprias casas e na mídia. Mas, voltando para primeira aula, ao chegar na escola e mais precisamente na sala, a professora da turma me deixou à sós e eu propus que eles colocassem as cadeiras em círculo, quebrando aquele método tradicional das carteiras em

filas ao qual estavam acostumados. O resultado foi bom. Eles gostaram da nova organização e logo perceberam que ela seria indispensável para a atividade que faríamos logo mais.

O que pude notar logo no primeiro instante é que eles são bastante ansiosos e até mesmos agressivos, ocorrendo palavrões e agressões corporais e verbais dentro e fora da sala de aula. A bem dizer dessas manifestações agressivas no comportamento dos alunos Vasconcellos (1997), ressalta que isso se dá devido a *insatisfação* dos alunos com o meio no qual estão inseridos e também com as condições a que estão submetidos. Como eles não sabem dizer educadamente que o sistema ao qual pertencem não é suficientemente adequado para formá-los enquanto cidadãos autônomos, então usam a *indisciplina* para demonstrar seu descontentamento. Ainda falando sobre o primeiro dia de aula, após a formação do círculo e da não *intimidação* dos alunos com a minha presença em chamar palavrões e xingar os colegas, comecei a explicá-los que faríamos uma brincadeira. Nesse momento, todos ficaram eufóricos e gostaram da idéia de brincarmos na aula.

A dinâmica que utilizei foi a do telefone sem-fio, onde pedi que cada um escrevesse num pedaço de papel seus nomes e algo de que eles tivessem medo. O que me deixou curiosa é que a maioria dos alunos colocou que têm medo de animais como cobra e leão, somente dois ou três colocaram que tinham medo de fantasma e assombração e nenhum colocou que tivesse medo de morrer ou da violência. Após a entrega dos papéis, realizei um sorteio para saber de quem era o papel e qual o medo que o aluno tinha colocado nele para dar início a brincadeira do telefone sem fio.

Ao iniciar, pude constatar que alguns deles, talvez na intenção de se *destacar* diante da turma e de mim, faziam de tudo para atrapalhar a dinâmica, dizendo palavrões ao colega para que no final ele dissesse em voz alta ou então mudavam totalmente o nome do medo que estava passando pelo telefone sem fio. Sendo assim, podemos concordar com Oliveira (2005, p. 36) quando coloca:

É preciso considerar que a criança fica muito mais tempo solta nessa sociedade onde os valores morais são esquecidos e a competitividade é estimulada, do que dentro da escola. Assim, a indisciplina na escola é um reflexo do desajustamento desse sistema social indisciplinado onde tudo é permitido.

Diante disso, devemos e podemos levar em consideração esse meio permissivo ao qual as crianças estão inseridas, mas, também podemos e devemos fazer algo para mudar essa realidade. No dado momento que começaram as *brincadeiras de mau gosto*, tentei explicar para os alunos que não era de bom tom falar palavrões e muito menos usar desses palavrões para agravar os colegas. Todos escutaram e continuamos a brincadeira, mas parecia que não estavam muito preocupados com o que havia acabado de falar para eles e continuaram ainda com algumas piadinhas e palavrões.

Outra triste realidade que pude notar com relação aos alunos é a forma incorreta de escrever, da qual a maioria faz uso. Muitos deles sabem ler corretamente, porém, no que diz respeito à escrita não posso dizer a mesma coisa. Além disso, a classe em que fiz meu estágio era mista assim como a maioria das salas de aula de nossas escolas públicas, ou seja, meninos e meninas com faixa etárias diferentes e níveis de aprendizagem diferentes. Isso implica dizer que, por possuir tantas diferenças, dificulta ainda mais o trabalho do professor que, sozinho e muitas vezes por não ter tempo e nem formação adequada, acaba por não se adaptar às necessidades da turma podendo então, ser a indisciplina decorrente desse e de outros fatores.

Dessa forma, Oliveira (2005, p.65) afirma que: "O professor deveria ter condições de preparar sua aula antes de entrar em sala procurando prever a dosagem, o nível de dificuldade e a duração de cada atividade, evitando o seu excesso ou a ociosidade dos alunos". Isso implica dizer também que partindo dessas premissas, o professor além de diminuir as ocorrências de indisciplina, acabaria também por aumentar o aprendizado dos alunos e, conseqüentemente, diminuir a taxa de analfabetismo que infelizmente ainda é uma realidade no nosso país.

Retomando mais uma vez para a dinâmica, continuei tentando fazer com que eles entrassem no espírito da brincadeira e depois de umas três tentativas conseguimos finalizar. Após o término da dinâmica, pedi para que todos ainda no círculo, abrissem seus livros de português para que pudéssemos ler o texto que estava no plano de aula. O primeiro passo foi eu mesma lê-lo para que todos entendessem e depois pedi que cada um lesse um pedaço. Dessa forma, eu poderia ver em qual nível de leitura cada um deles se encontrava. A maioria da turma sabe ler, ainda que alguns deles leiam de forma descompassada perdendo assim o entendimento da leitura. Mostraram-se até interessados na atividade, alguns pedindo até para ler primeiro que o colega, porém, pelo menos quatro desses alunos se negaram a fazer o que eu estava propondo.

Esses mesmos alunos que acabei de citar, são de faixa etária mais elevada que o restante da turma, possuem entre treze e quinze anos.

O que pude concluir dessa negação para com a atividade foi que, por serem adolescentes e estarem ainda numa terceira série ou quarto ano como agora foi definido, misturados ainda com crianças e também com dificuldades na leitura, simplesmente se sentiram envergonhados e intimidados pela minha proposta. Até aí tudo bem, compreendi o que estava acontecendo mas, fui na carteira de cada um deles e pedi para que lessem só para mim. O resultado foi mais ou menos o que já esperava. Um deles se negou terminantemente a ler dizendo que não gostava os outros tão baixinho que eu tive que fazer um esforço imenso para escutar. Dentre eles teve uma aluna que eu tive que me esforçar mais ainda para escutá-la, acredito que nem ela própria entendia o que estava lendo pois, além da dificuldade em pronunciar as sílabas, ainda *engolia* e trocava muitas letras.

Porém, mesmo constatando essa triste realidade, fiquei feliz por conseguir fazê-la tentar, como afirma Vasconcellos (1997, p. 36): "...um dos maiores desafios é o resgate do professor como sujeito de transformação: **acreditar que pode, que tem um papel a desempenhar muito importante**, embora limitado. Acreditar na possibilidade de mudança de si e do outro". (Grifo meu).

Entendo assim que, dificuldades pelo caminho sempre tivemos e sempre teremos, mas, enquanto educadores devemos tomar iniciativas positivas e acreditar em nossos educandos, ajudando-os a superar suas dificuldades e não julgando-os incapazes de produzir conhecimento.

Partindo para o segundo dia de aula, quero deixar claro antecipadamente que estou enumerando somente os primeiros dias de aula por acreditar que, principalmente eles são decisivos para o tipo de relacionamento estabelecido entre professor e alunos e para as expectativas que ambos possuem para o decorrer do ano letivo ou do estágio, como era o meu caso. Sendo assim, no segundo dia de aula pude observar muitas conversas paralelas entre os alunos. São poucas as mães que se preocupam em ir deixar seus filhos na escola e em saber como anda seu rendimento. Dentre as várias observações que estou destacando aqui, uma das mais evidentes para mim naquele momento foi a rivalidade entre os alunos.

Depois que formei o círculo no primeiro dia de aula eles mesmos tratavam de formá-lo assim que chegavam a sala de aula, só que, com um detalhe que confirma certa rivalidade: meninos sentam de um lado e meninas do outro. Não era exatamente um círculo o que eles faziam com as carteiras, era quase um semicírculo onde emparelhavam frente a frente à fila dos meninos e a fila das meninas além de literalmente falando, colocarem as carteiras umas nas outras, a ponto deles mesmos não terem espaço para sair e terem mesmo que passar por baixo. Como educadora da turma naquele momento, tive que intervir, separando as carteiras umas das outras e formando um semicírculo mais adequado, claro que fiz isso explicando o motivo pelo qual estava fazendo.

Qualquer coisa é motivo para apelidos e ameaças, a sala de aula *de vez em quando se torna um campo de batalha* ou até mesmo um *ringue* por que não dizer, como professora, tive literalmente que intervir nas agressões para que não acontecesse algo mais grave. Diante desse fato, podemos concordar com Tiba (1996, p. 128 e 129) quando afirma:

Assim como a mãe tem que interferir para ajudar o filho mais frágil, o professor também deve intervir para ajudar o aluno mais fraco. Quando o professor não tom nenhuma atitude, os estudantes, podem interpretar o fato como aprovação e a situação tende a se agravar.

E assim foi feito durante todo o estágio. Todos os dias aconteciam essas agressões entre os colegas e até uma mais grave que aconteceu no momento em que mandei um aluno para diretoria porque ele vinha fazendo bagunça na sala e eu já tinha tentado negociar de todas as formas com ele só que, era *impossível* entrar num consenso com ele naquele momento. Ao pedir que ele fosse fazer sua atividade na diretoria simplesmente ele se negou. Pedi mais uma vez ele disse que não ia. Então, peguei o material escolar do mesmo e fui levar até a sala da diretora para depois buscá-lo e levá-lo eu mesmo até lá, já que, só falando ele não iria.

Para minha triste surpresa, quando retornava da sala da diretoria percebi de longe uma movimentação estranha na sala e chegando lá, o que pude ver parecia uma dessas cenas que se vemos nos jornais. O aluno que eu estava indo pegar para levar à diretoria estava sendo espancado pelos demais. Aquela cena me chocou e procurei saber de um por um quem estava participando daquele ato de violência para avisar a mãe do garoto que conversasse com os pais dos alunos que bateram no filho dela, já que, na qualidade de estagiária não tinha plenos

poderes para tomar atitudes mais drásticas e a direção da escola não costumava estar presente, pelo menos no período que eu estagiei.

Nesse dia, parei as atividades que estávamos realizando para ter uma conversa com eles sobre direitos e deveres e também respeito ao próximo, já que o que haviam feito era algo abominável. O resultado dessa conversa foi *caras desconfiadas* e um jogando a responsabilidade no outro, como se ninguém tivesse culpa do acontecimento. Me senti meio que *dando murro em ponta de faca* mas como havia dito antes, o professor não pode perder a esperança e nem deixar de acreditar que seu trabalho pode contribuir positivamente para com os alunos.

Quanto às atividades propostas, eles às faziam, porém, em meio a muitas reclamações. A disciplina de ciências foi trabalhada praticamente todo o estágio com a temática reciclagem e lixo, onde os alunos mostraram conhecer sobre o tema e alguns deles contaram que já fizeram ou fazem uso da reciclagem para ganhar dinheiro e se mostraram conscientes sobre a importância dessa ação para o meio ambiente.

Os alunos costumavam participar das discussões positivamente, mas não podiam deixar passar aquela brincadeira ou aquela piadinha com o colega como, por exemplo, quando um colega estava relatando que ganhava x pelo Kg do alumínio, do papelão e de outras coisas que reciclava, um aluno ficou rindo dele dizendo que ele era catador de lixo. São muitas dessas coisas que acontecem em sala de aula e que o professor por mais que tente evitar tomando atitudes que levem a conscientização, não consegue. Essas ações também inibem alunos dentro do contexto discursivo da aula. O professor sozinho não consegue mudar o comportamento e a falta de respeito que uma criança ou adolescente tem para com as demais pessoas.

A família é parte fundamental nessa transformação e na absorção de valores e conceitos morais e éticos que o indivíduo precisa adquirir desde criança para viver em sociedade. Como nos diz Oliveira (2005, p. 102) em sua pesquisa realizada com professores:

...muitos professores afirmaram, também, que o que dificulta bastante o trabalho da escola é o fato que, no ambiente familiar, os pais (ou responsáveis) agem diferentemente da escola: não orientam seus filhos sobre atitudes básicas que deveriam seguir na escola, ou seja, não há diálogo, nem esclarecimento de regras e limites para as crianças. Muitas vezes a estratégia usada pelos pais para disciplinar

Seu filho acaba sendo alguma forma de punição, até mesmo castigo físico. Para tentar evitar essa dicotomia entre a ação da escola e a atitude dos pais, seria preciso que houvesse uma coerência entre a orientação dada pela escola e aquela oferecida pela família.

Nesse sentido, fica evidente que essa *dupla forma de educar* acaba por prejudicar a criança em sua formação, visto que, na escola eles recebem um tipo de educação e em casa outra. Não que aconteça dessa forma em cem por cento das famílias mas, em boa parte delas sim. Por exemplo, quando um aluno chega na escola e encontra algumas regras de convivência e de respeito ao próximo e ao patrimônio público porém, esse mesmo aluno chega em casa e costuma ouvir e falar palavrões, comer em frente a televisão, fazer o que quer e na hora que quer, bagunçar a casa porque tem a mãe para arrumar para ele, não ajuda nas tarefas de casa e também não faz a lição por preguiça, por não receber ajuda, incentivo ou mesmo bronca da família para fazê-la, a consequência disso é esse mesmo aluno querer manter tal comportamento permissivo também dentro da escola. A esse respeito Oliveira (2005, p. 15) diz: "... toda indisciplina tem uma causa e que ela não é simplesmente uma ação mas uma reação."

Ainda parafraseando essa autora, existe o fato de que as famílias além de não imporem limites as crianças também acabam por se agredir na frente delas, além de estarem em algumas ocasiões envolvidas com drogas e serem ausentes. Sendo assim, fica difícil para a criança assimilar as regras e o comportamento que ela deve manter na escola se em casa, vê essas mesmas regras e esse bom senso desconstruídos.

Diante disso, podemos concordar com Assis e Tagnetta (2006, p. 6) quando afirmam: "Segundo Aristóteles, as virtudes não são capacidades inatas, mas, adquiridas através do exercício". Portanto, como podemos observar o que foi dito no parágrafo acima, as crianças se deparam com maus exemplos em casa, e sendo as virtudes capacidades que são adquiridas através do exercício, que virtudes crianças educadas em um meio inadequado podem adquirir? Essas são questões muito complexas e que podem variar de acordo com os costumes, valores e classe social. Por exemplo, uma criança educada em um ambiente de classe social média, muito provavelmente não irá apresentar um comportamento de indisciplina igual a uma criança da classe social baixa.

E é exatamente por a indisciplina ser uma questão complexa, que pretendo me ater aqui especificamente à indisciplina relacionada aos alunos de escolas públicas, os quais são em sua grande maioria de baixa renda. O quarto dia de aula era pra ter sido mais atrativo, já que tinha falado com a professora para passar um filme para eles e ela tinha me falado que a sala de vídeo estaria liberada, porém chegando lá, o espaço tinha sido ocupado e a professora tinha esquecido de me avisar. Ocorreu mudança de planos e para os alunos isso foi um *Deus nos acuda* já que eles tinham ficado empolgados com a idéia de assistir o filme que tinha tanto haver com a temática que estávamos estudando na disciplina de português, quanto com o dia das crianças.

Os alunos ficaram bastante agitados e a professora decidiu ficar comigo na sala. Como meu plano de aula tinha ido *por água abaixo* ela decidiu dar aula de geografia. Pediu para que todos fizessem silêncio mas, eles não estavam muito interessados em colaborar. Em relação a isso, Oliveira (2005, p. 65) ressalta que:

Alguns professores acabam desgastando seu relacionamento com os alunos de tanto pedir que façam silêncio. No entanto, uns educadores não se dão conta de que, muitas vezes, as próprias condições físicas do ambiente como, por exemplo, sala de aula pequena ou grande demais, número excessivo de alunos, carteiras inadequadas e quebradas, falta de ventilação, iluminação insuficiente, causam agitação entre os alunos. Isso faz com que o professor se encontre constantemente gritando e clamando a atenção da turma.

E foi exatamente isso que ocorreu durante toda a aula. Os alunos conversaram, se xingavam, se batiam; a professora gritava, pedia silêncio aos alunos e eu fiquei observando e analisando a situação. Eu podia ver a aflição no rosto da professora que questionava os alunos porque eles não queriam estudar. Pude ver que era uma situação realmente difícil e, comparando o meu comportamento que era mais calmo, mais ameno do que o da professora que estava ao mesmo tempo com a situação de indisciplina e de dificuldade de aprendizagem dos alunos. Nesse momento, um aluno em especial me chamou a atenção, um adolescente de quinze anos que olhou pra mim e falou: — Tá vendo professora! Tem botar moral. Se ficar só falando com eles e não botar moral eles vão fazer à senhora de besta!

Ou seja, o próprio aluno afirmou que o *professor* (no caso eu), deve ser enérgico e tomar atitudes mais drásticas como colocá-los de castigo ou mandá-los para fora da sala por exemplo. Porém o que Oliveira (2005, p. 65) nos diz com relação a certos tumultos e agitações

em sala de aula é que: “O bom senso e a experiência podem ajudar no gerenciamento da sala de aula. Manter os alunos sempre ocupados com atividades que lhes interessem e que exijam concentração pode ser um fator fundamental para evitar a indisciplina”.

O bom senso eu até possuía dentro daquele contexto, só não posso dizer o mesmo da experiência. Mas, diante de todo o percurso da minha formação docente e de todo o conjunto de referencial teórico a que tive acesso no processo dessa formação, pude conhecer que planejamento é fator fundamental para um bom resultado dentro da sala de aula, além de ser indispensável para o bom rendimento dos alunos. Quando uma aula não é planejada, os alunos não vêem motivo nem razão para o que estão fazendo, promovendo assim o desinteresse e, conseqüentemente, a indisciplina. Infelizmente, na situação atual em que se encontra nossa educação e também as condições de trabalho dos professores, é muito comum e porque não dizer rotineiro nas escolas, aulas sem um mínimo de planejamento possível. Isso porque além da desmotivação, das péssimas condições de trabalho e do medo de enfrentar a sala de aula devido à própria indisciplina e as ocorrências de violências decorrentes dela, o professor precisa dobrar ou triplicar sua jornada de trabalho em detrimento do baixo salário oferecido à categoria, ficando assim impossibilitado de fazer um planejamento fundamentado nas reais necessidades da turma para que possa diminuir essas ocorrências. Como diz Brandão (2002, p. 123):

O trabalho deveria estar destinado a ser um lugar de encontro entre pessoas que se reúnem para criar modos de vida, criando entre eles e nós produtos indispensáveis à criação das condições igualitárias ao direito de se viver a vida em plenitude, inclusive através do trabalho.

Haja vista essa afirmação do autor, podemos concluir que é exatamente isso o que não está acontecendo. As pessoas não estão usando o trabalho para construir coisas que possam beneficiar a sociedade como um todo e sim estão sendo usadas por ele. Hoje em dia não se vive do trabalho, se vive para o trabalho. E é esse modo de viver das pessoas, inclusive dos professores e dos pais dos alunos que acaba por consumir uma importante parcela de tempo que deveria ser dedicado à educação das nossas crianças. Isso implica tanto no comportamento dos mesmos na escola e também em casa, como num jogo de *empurra-empurra* entre pais sociedade e escola quanto a responsabilidade pela indisciplina dos alunos, gerando assim, um conflito imenso e um não consenso até hoje de quem é realmente a responsabilidade por esse problema.

• Visão dos alunos sobre indisciplina

Quando usado o termo *indisciplina*, os alunos não conseguem definir exatamente o que significa. Alguns, como pode ser visto na categorização dos dados, afirmaram que ser um aluno indisciplinado é ser um aluno estudioso, educado, inteligente, esperto etc. Em contrapartida, outros dizem que é o aluno que faz bagunça, que é ruim, que não gosta de estudar, entre outras coisas do gênero.

Porém, se pararmos para analisar, eles não possuem um conceito bem definido sobre a indisciplina. Sendo assim, não podem praticar com a devida intenção que o termo sugere, pois se eles não possuem o entendimento mais apropriado para a significação desta, também não podem manifestá-la com o propósito que cabe a palavra. Ou seja, ao praticar ações consideradas indisciplinadas, os alunos não possuem em sua consciência a clareza dessas ações. Se eles manifestam indisciplina eles podem estar querendo nos dizer que algo não está de acordo com seus princípios, valores e necessidades e não apenas para *sacanear* o professor. Nosso foco que é a escola pública talvez seja o local mais adequado para notar essas evidências.

• Algumas causas geradoras da indisciplina

Como nosso trabalho tem por objetivo compreender os motivos pelos quais os alunos manifestam indisciplina, devemos explicar aqui algumas causas que a gera. Oliveira (2005, p.21), nos diz que: “Esse problema apresenta-se em toda rede educacional e não é específico de uma determinada classe social, também não é um caso restrito do nosso país: é um problema universal”. Considerando essa afirmação da autora, podemos e devemos concordar com a mesma, mas, quanto às causas que fazem a indisciplina aparecer já não são as mesmas para todas as classes sociais, pois o tipo e a qualidade de educação oferecidas para ambas as classes também diferem entre si.

Pretendemos ressaltar aqui e exemplificar alguns fatores determinantes para o surgimento da indisciplina no interior da escola pública. Acredito que a indisciplina sempre irá surgir em qualquer escola, em qualquer nível social pelo fato de o ser humano ser sempre mutável, não estando nunca satisfeito com as condições as quais está submetido, o que o faz cada vez mais buscar *melhorar* em vistas de seus interesses. Porém, em muitos casos podemos observar que

essas condições são totalmente inadequadas para um bom aproveitamento e para expectativas positivas quanto à escola. Na E. M. E. I. F. Cecília Estolano Meireles, por exemplo, que foi a escola onde estagiei, consegui observar que uma das várias causas para tanta indisciplina é a falta de infra-estrutura da escola. Todos os dias de manhã, ao chegar na sala de aula os alunos tinham que sair de sala em sala procurando uma carteira para se sentar porque a escola não oferecia mobiliário suficiente para todos os alunos. Dessa forma, a aula demorava uns vinte minutos para começar e eles faziam aquela algazarra entre as sete e as sete e trinta da manhã, o que contribuía para a indisciplina a qual poderia ser amenizada, considerando o que ressalta Oliveira (2005, p. 49):

...se os professores tiverem clareza dos fatores que geram a indisciplina, poderão perceber o porquê das atitudes “desviantes” dos alunos, ou seja, conhecer as raízes dos problemas daqueles que são rotulados de indisciplinados, como, também, fazer uma auto-reflexão sobre sua prática frente a esse tipo de comportamento.

Com isso, pretendemos mostrar que indisciplina não é culpa somente do aluno, mas, um conjunto de fatores que somados nos dá esse resultado. O fato desses alunos não se sentirem à vontade dentro do ambiente escolar também é determinante para comportamentos indesejados. É acreditando que esse conjunto de fatores ajuda a gerar a indisciplina que julgo meu estágio proveitoso tanto para o meu crescimento profissional, como para os envolvidos, como nos diz Oliveira (2005, p. 66):

Nos cursos de formação, a preparação do professor para os aspectos relacionais e disciplinares é tratada de forma superficial, muitas vezes esses cursos não nos alertam para a problemática da relação professor-aluno, da indisciplina e da violência que ocorrem dentro das escolas e não nos orientam para um gerenciamento de sala de aula que envolva motivação e participação dos alunos.

Sendo assim, o tempo que tive para me dedicar ao estágio procurei discutir com os alunos temas que pudessem ajudá-los a crescer em relação à sua consciência crítica como: racismo, respeito, direitos e deveres além de tentar promover atividades que pudessem ajudá-los a integrar-se com o grupo de forma harmoniosa. Acredito que consegui deixar algo de bom para a turma, pois um laço de amizade formou-se entre mim e os alunos, podendo constatar que ficou um clima de saudade e afeto entre nós. Ao concluir o estágio quero terminar com uma citação de Oliveira (2005, p. 60) que representa meu sentimento como professora: “A afetividade do professor não abdica de sua responsabilidade e de sua autoridade”.

REFERÊNCIAS:

AQUINO, Júlio Groppa. **A indisciplina e a escola atual.**

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=90102_25551998000200011>.

Acesso em: 02 de Mar 2008.

ASSIS, Arly Zucatto Mantovani de; TOGNETA, Luciene Regina Paulino. **A Construção da Solidariedade na Escola: as virtudes, a razão e a afetividade.** Educ. Pesqui., São Paulo, v.32, n, 2006.

Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=51517_9700200600010000&img=pt&nrm=iso

Acesso em: 11 jun 2008. Dóí: 10.1590/s1517-97022006000100004

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ESTEVAN, Ionara Dantas. **Indisciplina na Escola: Falta de limites ou um pedido de socorro?**

Disponível em:

<http://www.crp13.org.br/paposi/INDIACIPLINANAESCOLA_IonaraDantasEstevan.doc>.

Acesso em: 02 de Mar 2008.

FRANÇA, Cláudia. **Indisciplina na sala de aula**

Disponível em:

<http://www.eaprender.com.br/tiki_smartpages.view.php?pageId=1103#indisciplina>

Acesso em: 24 de Mar 2008.

FREIRE, Pulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPAR, Priscila de Faria. **Indisciplina Escolar na Atualidade**. 12/04/2005.

Disponível em:

<http://www.wmulher.com.br/template.asp?canal=relacionamento&id_mater=2474>.

Acesso em: 02 de Mar 2008.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Escolhendo o percurso método lógico**. In: Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. Capinas, SP: Editora Alínea, 2001. P. 61 à 73.

LOPES, Áurea. **Disciplina**. Od. 183_Junh/2005

Disponível em:

<http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0183/aberto/mt_73653.shtml>. Acesso em: 02 de Mar 2008

NUNES, marinildes Figueredo; SANTOS, Claudivone Ferreira dos. **A indisciplina no cotidiano escolar**.

Disponível em:

<<http://www.fja.edu.br/candomba/2006-v2n1/pdf/MarinildesNunes2006v2n1.pdf>>

Acesso em: 02 de Mar 2008.

OLIVEIRA, Maria Izete de. **Indisciplina escolar: determinantes, consequências e ações**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005

SILVA MACHADO, Sheila Cristina Almeida e. **A indisciplina na sala de aula**.

Disponível em:

<<http://www.portalensinando.com.br/ensinando/principal/conteudo.asp?id=3730>>. Acesso em: 24 de Mar 2008

SILVA, Nebson – Pedro. **(In) disciplina e relação professor-aluno**. Jornal UNESP, São Paulo, Ano XX – nº 213, julho, 2006.

Disponível em:

<www.unesp.br/aci/jornal/213/opinioao.php>. Acesso em: 11 de Jul 2008.

TIBA, Icami. **Disciplina: O limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Os Desafios da Indisciplina em Sala de Aula e na Escola**.

Série Idéias n. 28. São Paulo: FDE, 1997. p. 227 – 252

Disponível em: <http://www.cрмаiocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf>

Acesso em: 27 nov 2008

VASCONCELOS, Mario Sérgio. **A DISCIPLINA E A INDISCIPLINA COMO FATORES FUNDAMENTAIS DE FORMAÇÃO DO ALUNO NO MUNDO ATUAL**.

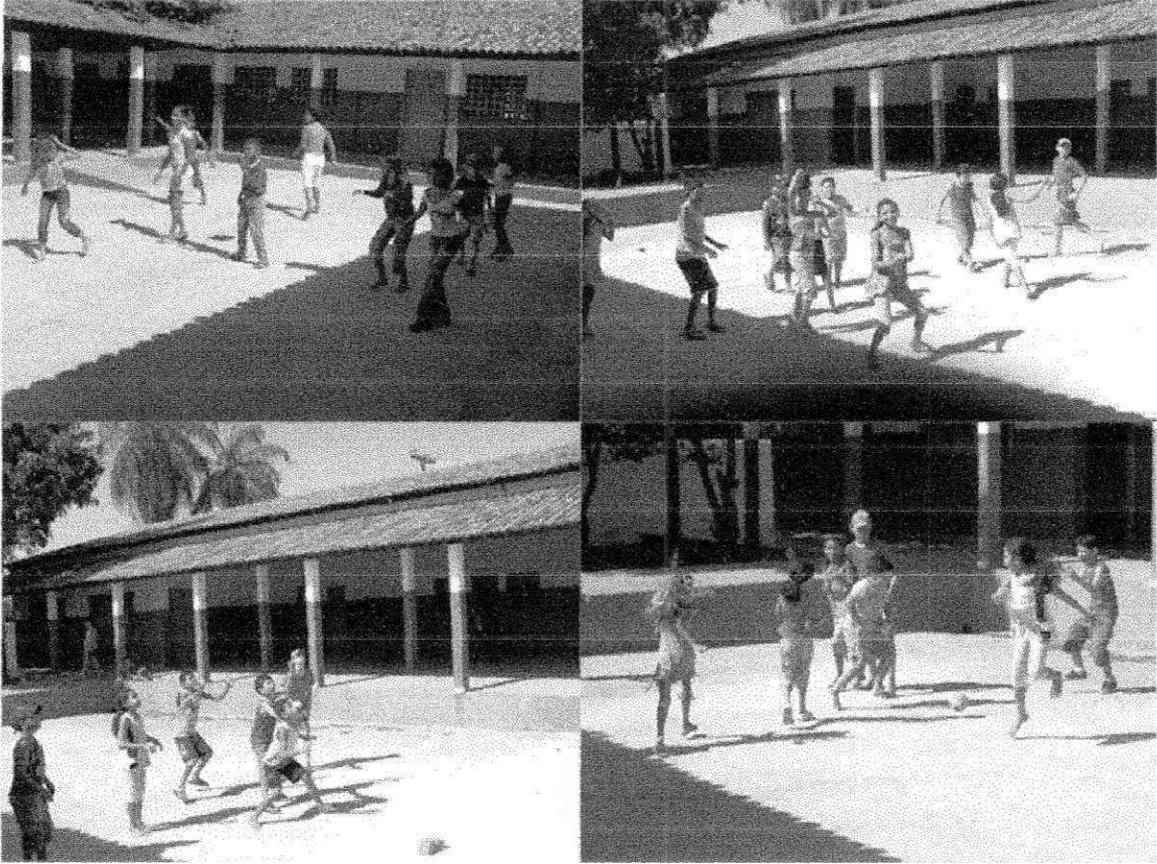
Disponível em:

<http://www.escolainterativa.com.br/canaais/20_encontros_tem/Arquivos/p_MarioSergio_Disciplina_Indisciplina.doc>. Acesso em: 11 de Jul 2008.

ANEXOS



OFICINA DE RECICLAGEM- DESPEDIDA DA TURMA



AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA - JOGO DE MATA-MATA

Questionário:

Caro professor, este questionário é um dos requisitos necessários para a realização do Estágio e para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Desde já, agradecemos a sua colaboração.

1 – O que você entende por indisciplina?

2 – Na sua concepção, qual o principal motivo causador da indisciplina?

3 – Como você costuma se posicionar diante de uma situação de indisciplina?

4 – Como os alunos manifestam indisciplina em suas aulas?

5 – Enquanto educador, você crê que esse problema tem solução?

Questionário

Caro aluno, este questionário é um dos requisitos necessários para a realização do Estágio e para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Desde já, agradecemos a sua colaboração.

1- Você participa das aulas?

Sim.

Não.

Porque?

2- Você se relaciona bem com a professora e com seus colegas?

Sim.

Não.

Porque?

3- Você faz todas as atividades que a professora passa?

Sim.

Não.

Porque?

4- Você fica saindo da sala enquanto a professora ensina?

Sim.

Não.

Porque?

5- Você costuma obedecer a professora?

Sim.

Não.

Porque?

6- O que você mais gosta de fazer na escola?

7- Na sua opinião, o que é ser um aluno indisciplinado?

8- Por que você acha que existem tantos alunos indisciplinados?